

INTERVENÇÕES PSICOEDUCACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL E COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM TEA

Natália Nascente Fanfa¹
Elaine Conte²

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão integrativa da literatura sobre as intervenções psicológicas voltadas ao desenvolvimento comportamental e socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Buscando compreender como as abordagens terapêuticas, especialmente a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e os pressupostos de Vygotsky, influenciam o desenvolvimento de capacidades cognitivas, sociais e emocionais dessas crianças, o estudo visa identificar estratégias inclusivas e relacionais no contexto escolar. Os resultados demonstram a relevância da atuação do psicólogo escolar e de metodologias pautadas no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e em práticas participativas para promover inclusão e aprendizagens cooperativas, seguindo os princípios da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Conclui-se que intervenções relacionais, constantes, colaborativas e adequadas às necessidades das pessoas são fundamentais para a inclusão colaborativa e o bem-estar das crianças com TEA.

Palavras-chave: desenvolvimento atípico; TEA; inclusão escolar; psicologia escolar; desenvolvimento socioemocional.

Introdução

O crescente reconhecimento da diversidade no desenvolvimento infantil tem impulsionado reflexões e práticas voltadas à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Nesse contexto, a escola se apresenta como um espaço privilegiado para promover não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais,

¹ Universidade La Salle - Curso de Psicologia. E-mail: natalia.fanfa0190@unilasalle.edu.br

² Orientadora. Doutora em Educação (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do PPG em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle, Canoas/RS. Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Pesquisadora Gaúcha da FAPERGS. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

cognitivas e relacionais. Entretanto, esse processo exige intervenções qualificadas, que respeitem as singularidades de cada criança e mobilizem a atuação integrada de diferentes agentes - professores, psicólogos, famílias e gestores escolares.

Este estudo propõe uma revisão integrativa da literatura sobre intervenções psicológicas no contexto escolar, com foco no desenvolvimento comportamental e socioemocional de crianças com TEA. A pesquisa busca compreender de que forma abordagens como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e os fundamentos da teoria sociocultural de Lev Vygotsky, notadamente os princípios da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), contribuem para a construção de práticas educacionais inclusivas e relacionais.

Com base nessa problemática, os objetivos do trabalho envolvem: identificar os benefícios das intervenções psicológicas no desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças atípicas; descrever recursos terapêuticos e pedagógicos que favoreçam sua inclusão; e apontar estratégias eficazes que promovam aprendizagens cooperativas no cotidiano escolar. Para atingir tais objetivos, a investigação utilizará como método a revisão integrativa, contemplando produções científicas publicadas entre 2014 e 2024, localizadas nas bases Scielo, PubMed, CAPES Periódicos, Lilacs e Google Acadêmico. A análise dos estudos será conduzida por critérios claros de inclusão e exclusão, considerando a relevância das publicações para o campo da psicologia escolar e da educação inclusiva.

Ao reunir e sistematizar essas contribuições, espera-se fortalecer o debate sobre a importância de intervenções constantes, colaborativas e centradas nas necessidades específicas de cada criança, alinhadas aos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Com isso, busca-se evidenciar caminhos possíveis para uma inclusão escolar mais sensível, democrática e humanizada, que favoreça o bem-estar e o pleno desenvolvimento das crianças com TEA.

Aportes Teóricos

Cabe destacar que “o sentido das tecnologias para a humanidade é justamente fortalecer o intercâmbio de ideias, o reconhecimento mútuo de pedagogias do encontro com as diferenças, para que todos possam aprender, superando assim as desigualdades” (Conte; Habowski, 2022, p. 1). A Tese de Silva (2022) também investiga e colabora com os processos de formação reflexiva de professores que atuam com dois estudantes com TEA dentro do contexto escolar,

utilizando as estratégias do DUA. Segundo Papalia e Martorell (2013), o desenvolvimento humano ocorre em etapas previsíveis, marcadas por aquisições cognitivas, emocionais, motoras e sociais que seguem, em geral, uma linha de progressão esperada para cada faixa etária.

De acordo com as autoras, o desenvolvimento cognitivo típico na segunda infância (3 a 6 anos) apresenta algumas etapas importantes, destacando que, nesse período, o pensamento é um tanto egocêntrico, mas aumenta a compreensão do ponto de vista dos outros (Papalia; Martorell, 2013). A imaturidade cognitiva resulta em algumas ideias ilógicas sobre o mundo. Aprimoram-se a memória e a linguagem. A inteligência torna-se mais previsível. É comum a experiência da pré-escola; mais ainda a do jardim de infância. Já o desenvolvimento psicossocial na segunda infância mostra que o autoconceito e a compreensão das emoções, sensações vão se tornando mais complexas; a autoestima também é afetada pelo outro. Aumentam a interdependência, a iniciativa e o autocontrole. Desenvolve-se a identidade de gênero. O brincar é um gesto de expansão da consciência, torna-se mais imaginativo, mais elaborado e, geralmente, mais social. Altruísmo, agressão e temor são comuns. A família ainda é o foco da vida social, mas outras crianças tornam-se mais importantes. No entanto, há variações importantes nesse processo, especialmente quando se trata do desenvolvimento atípico.

O desenvolvimento típico é considerado atípico quando o padrão de desenvolvimento não é considerado normativo para a faixa etária do indivíduo que possui transtornos de aprendizagem e/ou intelectuais, sendo necessário avaliações e intervenções para apoiar o desenvolvimento da pessoa conforme exposto por Conceição *et al.* (2021). As crianças que apresentam essa condição, podem manifestar dificuldades de aprendizagem e de socialização, podendo acarretar dificuldades físicas, cognitivas e psicossociais. O nível de dificuldade depende muito do nível de comprometimento da criança e da estimulação recebida. Segundo Lopes (2016), o desenvolvimento atípico é caracterizado por comprometimentos de ordem biológica e/ou relacionados a ambientes desfavoráveis.

O principal tipo de desenvolvimento atípico que será abordado neste estudo é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), porém, podemos citar outros tipos, como por exemplo: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), distúrbios de fala e linguagem, distúrbios sensoriais, entre outros. Em muitos casos, há a soma e confluência dessas comorbidades, requerendo avaliações psicológicas para

analisar e estabelecer estratégias que promovam o desenvolvimento e estimulação de aprendizagens evolutivas.

Lopes (2016) também contribui para essa compreensão ao destacar que o desenvolvimento atípico é caracterizado por comprometimentos biológicos, sensoriais, cognitivos ou ambientais que afetam o ritmo e a qualidade das aquisições infantis. Crianças com desenvolvimento atípico, como aquelas com TEA, podem apresentar dificuldades nas interações sociais, na linguagem, na regulação emocional e no comportamento. Essas especificidades demandam adaptações pedagógicas, terapêuticas e sociais, que reconheçam as singularidades de cada trajetória e evitem práticas de normalização ou exclusão.

Essa diferenciação entre o desenvolvimento típico e o atípico fundamenta a necessidade de intervenções individualizadas e integradas, valorizando tanto os desafios quanto as potencialidades presentes em cada criança. De acordo com a American Psychiatric Association (APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista é definido como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Esses sintomas estão presentes desde o início do desenvolvimento e afetam significativamente o funcionamento cotidiano.

O DSM-5 também introduz a noção de níveis de suporte, classificados em três graus de intensidade: Nível 1 – requer apoio; Nível 2 – requer apoio substancial; Nível 3 – requer apoio muito substancial. Essa classificação orienta os profissionais a ajustarem suas intervenções às necessidades específicas de cada indivíduo, promovendo estratégias mais eficazes e humanizadas. A compreensão das manifestações do TEA sob a ótica do DSM-5 contribui para uma abordagem clínica mais sensível e contextualizada, capaz de dialogar com os ambientes escolares e familiares.

A psicologia escolar tem papel fundamental na construção de contextos inclusivos. Para Conceição *et al.* (2021), o psicólogo escolar atua como mediador entre os sujeitos da comunidade educativa, promovendo práticas que favoreçam o bem-estar emocional, social e acadêmico dos estudantes, especialmente daqueles com desenvolvimento atípico. Sua atuação envolve múltiplas dimensões: Apoio à equipe pedagógica, contribuindo para a formação continuada e o planejamento de estratégias inclusivas; Mediação com as famílias, fortalecendo vínculos e ampliando

o suporte extraescolar; Análise crítica do ambiente escolar, com vistas à adaptação curricular, acessibilidade e promoção de relações respeitadas e cooperativas.

A inserção efetiva do psicólogo no cotidiano escolar contribui para transformar a escola em um espaço mais democrático, acolhedor e equitativo, no qual a diversidade é reconhecida como valor e não como obstáculo. A Applied Behavior Analysis (ABA) é uma abordagem consolidada no campo das intervenções com pessoas com TEA. Segundo Barcelos *et al.* (2020), trata-se de uma ciência aplicada que utiliza princípios do comportamento para modificar condutas e ampliar repertórios adaptativos, favorecendo a autonomia e a qualidade de vida. Essa intervenção é altamente estruturada, individualizada e baseada em dados, focando em aspectos como autocuidado, comunicação, habilidades sociais e regulação emocional. Estudos demonstram que a ABA é eficaz na redução de comportamentos disruptivos e na promoção de aprendizagens funcionais.

Sella e Ribeiro (2018), no entanto, alertam para a necessidade de uma ética do cuidado no uso da ABA, destacando a importância do assentimento da criança, do respeito às suas escolhas e da construção de vínculos afetivos no processo terapêutico. Assim, a ABA contemporânea deve ser pensada não como um modelo normativo de comportamento, mas como uma ferramenta a ser utilizada com sensibilidade, escuta e flexibilidade.

A teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky (2001) oferece uma das bases mais robustas para a compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento humano em contextos sociais e educativos. Para o autor, a aprendizagem ocorre por meio da mediação simbólica e da interação social, sendo a linguagem e as práticas culturais elementos centrais na construção do pensamento. Seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) - espaço entre aquilo que a criança já é capaz de fazer sozinha e aquilo que ela pode realizar com o auxílio de um outro mais experiente - é especialmente relevante para a educação inclusiva. A ZDP nos convida a pensar a intervenção como uma ação colaborativa, responsiva e construída no vínculo, que respeita o tempo, os modos e as capacidades singulares de cada sujeito.

Ao promover na práxis a ZDP a contextos com crianças com TEA, compreende-se que a potencialidade da aprendizagem depende do suporte oferecido pela escola, pela família e pelos profissionais envolvidos, que atuam como

andaimos conceituais para que a criança alcance níveis mais complexos de envolvimento cognitivo e social de forma progressiva e colaborativa.

Delineamentos metodológicos

Este estudo se configura como uma revisão integrativa da literatura, voltada à sistematização e análise crítica de produções científicas que abordam intervenções psicológicas no desenvolvimento comportamental e socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar. A escolha por essa abordagem visa articular evidências empíricas e referenciais teóricos para justificar práticas inclusivas mais sensíveis às singularidades infantis.

A coleta dos dados foi realizada em bases reconhecidas pela comunidade científica - Scielo, PubMed, CAPES Periódicos, Lilacs e Google Acadêmico, com o intuito de reunir estudos publicados entre janeiro de 2014 e março de 2024, nos idiomas português e inglês. Foram utilizados descritores combinados, tais como: desenvolvimento atípico, habilidades sociais, intervenções psicológicas, desenvolvimento cognitivo, inclusão escolar e psicologia escolar.

Por um lado, foram definidos como critérios de inclusão os estudos originais, com aderência teórica aos objetivos da pesquisa e que apresentem relevância metodológica e ética na discussão de práticas de intervenção em crianças com desenvolvimento atípico. Por outro lado, excluíram-se publicações que não dialogassem diretamente com a temática, que estivessem fora do recorte temporal estabelecido ou que carecessem de rigor metodológico e densidade analítica.

A perspectiva adotada na análise dos textos está ancorada na hermenêutica compreensiva, permitindo um olhar interpretativo sobre os significados que emergem das práticas, teorias e experiências narradas nas pesquisas selecionadas. Tal atitude metodológica reconhece que a compreensão dos fenômenos humanos como o desenvolvimento infantil, a aprendizagem e os processos inclusivos e exige uma leitura situada, histórica e dialógica, que ultrapassa a análise meramente descritiva e acolhe a complexidade dos sentidos produzidos nas relações entre sujeitos, instituições e saberes (Sidi; Conte, 2017). “Compreender é sempre interpretar. A fusão de horizontes entre o leitor e o texto exige abertura ao outro e historicidade da linguagem” (Gadamer, 1997, p. 379).

Assim, mais do que apenas catalogar dados, esta revisão busca compreender os sentidos que atravessam as intervenções psicológicas e pedagógicas em contextos escolares inclusivos, considerando suas implicações éticas, epistemológicas e práticas. O cruzamento entre evidências empíricas e referenciais teóricos foi orientado por categorias analíticas construídas a partir dos objetivos do estudo, permitindo articular as contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky e dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como fundamentos das práticas investigadas.

Após o levantamento nas bases científicas e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 12 estudos que versam sobre intervenções psicológicas voltadas a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar. Para garantir clareza e sistematização dos dados, os artigos foram organizados em três tabelas: identificação e características metodológicas, objetivos e principais resultados. A tabela 1 apresenta a categorização dos artigos quanto à identificação, ano de publicação, base de dados, tipo de estudo e amostra utilizada.

Tabela 1 – Caracterização dos Estudos Incluídos

Nº	Ano	Base de dados	Fonte (Periódico)	Método	Amostra/Participantes
A1	2021	CAPES Periódicos	RSD Journal	Análise Bibliográfica / Qualitativo	1 participante
A2	2023	CAPES Periódicos	Revista Contemporânea	Narrativa / Qualitativo	18 artigos em livros
A3	2023	CAPES Periódicos	Revista Contribuciones	Narrativa	18 artigos
A4	2016	SciELO	Rev. Bras. Educ. Especial	Qualitativo	11 alunos atípicos
A5	2023	CAPES Periódicos	Polyphonia	Qualitativo	12 artigos
A6	2009	PePSIC	Psicologia: Teoria e Prática	Estudo de Caso	2 alunos
A7	2016	Biblioteca USP	—	Estudo de Caso / Qualitativo	Alunos do 9º ano
A8	2020	ResearchGate	Brazilian Journal of Development	Revisão / Qualitativo	10 artigos
A9	2020	Google Acadêmico	Saberes e Práticas sobre a Pessoa com Deficiência	Revisão	19 artigos
A10	2018	SciELO	Rev. Bras. Educ. Especial	Estudo de Caso	1 aluno
A11	2016	Google Acadêmico	Revista de Psicologia	Pesquisa	6 professores e 8 pais
A12	2014	Google Acadêmico	Rev. Bras. Educ. Especial	Pesquisa	38 professores

Fonte: Elaboração própria (2025)

Na tabela 2, realizamos a categorização dos artigos quanto aos objetivos declarados nas pesquisas.

Tabela 2 – Objetivos dos Estudos Seleccionados

Nº	Objetivos
A1	Compreender a atuação do psicólogo escolar na inclusão de crianças atípicas.
A2	Compreender o TEA a partir da ABA, destacando seus benefícios para a aprendizagem.
A3	Analisar os métodos de aprendizagem no TEA com base em Vigotsky.
A4	Refletir sobre os desafios da inclusão a partir da subjetividade social da escola.
A5	Mapear pesquisas sobre desenvolvimento atípico na dimensão cognitiva e inclusiva.
A6	Aumentar e qualificar interações sociais entre crianças com desenvolvimento atípico.
A7	Avaliar estratégias pedagógicas diferenciadas em contextos de inclusão.
A8	Investigar contribuições da ABA para o desenvolvimento de crianças com TEA.
A9	Compreender os efeitos da estimulação precoce no desenvolvimento infantil com TEA.
A10	Relatar adequações realizadas a um aluno com TEA no ensino fundamental.
A11	Analisar concepções de pais e professores sobre a inclusão da criança autista.
A12	Utilizar a teleeducação como recurso para formação de professores na inclusão.

Fonte: Elaboração própria (2025)

Por fim, a tabela 3 mostra uma categorização dos artigos quanto aos principais achados identificados.

Tabela 3 – Principais Resultados dos Estudos

Nº	Principais Resultados
A1	Reforça a necessidade de um projeto de inclusão bem estruturado.
A2	Intervenções comportamentais devem respeitar as individualidades.
A3	A ZDP possibilita avanços no potencial com suporte adequado e colaboração.
A4	A subjetividade institucional ainda é um entrave à inclusão.
A5	Vigotsky é o referencial mais usado; há escassez de estudos na dimensão cognitiva inclusiva.
A6	Houve aumento e melhora na qualidade das interações sociais.
A7	Estratégias diferenciadas geraram maior motivação e pertencimento escolar.
A8	A ABA é considerada eficaz e indicada para o ensino de crianças com TEA.
A9	A estimulação precoce associada à família contribui para maior autonomia.
A10	Adequações pedagógicas promoveram avanços significativos na aprendizagem.
A11	Pais e professores expressam expectativas mais positivas após convivência com crianças autistas.
A12	A formação docente ainda é deficiente; a integração interdisciplinar é promissora.

Fonte: Elaboração própria (2025)

Essas tabelas permitem uma melhor transparência na sistematização dos achados, oferecendo subsídios para análises comparativas e reforça o compromisso ético-científico acerca dos horizontes da pesquisa. Nesse cenário, articuladas com a abordagem hermenêutica, as tabelas servem não apenas como descrição de dados, mas como pontos de partida para interpretações críticas sobre o lugar da infância atípica na escola, os desafios da inclusão e os caminhos possíveis para o trabalho de diálogo e abertura interdisciplinar.

Resultados e Discussão

A presente revisão integrativa identificou 12 estudos que abordam intervenções psicológicas voltadas ao desenvolvimento comportamental e socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar, a saber: *The practice of school psychology and its contribution in school inclusion of atypical children* (Conceição *et al.*, 2021); *Desenvolvimento de Crianças no Espectro Autista: uma visão a partir da intervenção na análise do comportamento aplicada* (Tochetto; Delfino, 2023); *Análise do processo de aprendizagem do*

paciente com Transtorno do Espectro Autista com base no desenvolvimento atípico da criança segundo Lev Vigotski (Cort *et al.*, 2023); Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico (Favoretto; Lamônica, 2014); Educação Inclusiva e o desenvolvimento atípico quanto à dimensão cognitiva - Uma revisão da literatura (Lima; Bohn; Passos, 2023); Procedimento de ensino de interações sociais entre jovens com desenvolvimento atípico e seus pares baseado na análise do comportamento (Ribela; Reis; Gioia, 2009); Desenvolvimento atípico, acesso à educação de qualidade (Lopes, 2016); Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão (Barcelos *et al.*, 2020); Estimulação precoce em crianças com suspeita de transtorno do espectro autista: uma revisão bibliográfica (Lavor; Muner, 2020); Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I (Aporta; Lacerda, 2018); Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas (Lemos *et al.*, 2016). A categorização desses estudos, conforme apresentado nas tabelas 1, 2 e 3, permitiu evidenciar padrões, convergências e lacunas no campo das práticas inclusivas e da atuação do psicólogo escolar. A partir da análise hermenêutica dos dados, três grandes eixos interpretativos emergiram: 1) O papel da psicologia escolar e das estratégias inclusivas (Conceição *et al.*, 2021; Aporta; Lacerda, 2018; Lemos *et al.*, 2016); 2) A relevância das abordagens terapêuticas, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) (Tochetto, Delfino, 2023; Ribela, Reis, Gioia, 2009; Barcelos *et al.*, 2020, Lavor; Muner, 2020); 3) A necessidade sentida do referencial histórico-cultural de Vygotsky na mediação dos processos de aprendizagem (Cort *et al.*, 2023; Lima, Bohn, Passos, 2023; Lopes, 2016).

Psicologia escolar e inclusão: entre o ideal e o possível

Diversos estudos (A1, A4, A11, A12) destacaram a importância da atuação do psicólogo escolar como mediador dos processos de inclusão e como agente de apoio à comunidade educativa. A análise das fontes evidencia que o sucesso das práticas inclusivas depende tanto do conhecimento técnico quanto da construção de vínculos afetivos, estratégias colaborativas e formações continuadas com professores e famílias.

O psicólogo escolar³ realiza um trabalho em conjunto não apenas com a rede escolar, mas é necessário que ele busque apoio dos familiares dos estudantes e da comunidade. Suas funções vão desde orientar e dialogar com a escola, no sentido de oferecer abordagens e estratégias psicológicas a todos os educandos, como também trabalhar em parceria com outros profissionais da educação para proporcionar a promoção de saúde e bem-estar na instituição de ensino, necessitando auxiliar a escola a se adequar aos estudantes com algum tipo de deficiência, a adaptação é realizada dependendo das demandas de cada criança (Conceição *et al.*, 2021).

O profissional de psicologia precisa auxiliar a escola a se tornar um ambiente inclusivo que proporcione um desenvolvimento pleno de sujeitos em suas diferenças humanas e especificidades. Proporcionando uma convivência pautada num ambiente que inclua a pessoa em sua globalidade, para que tenha um convívio pautado na equidade de experiências. Estudantes que apresentam desenvolvimento atípico, geralmente manifestam *déficits* comportamentais que afetam os seus relacionamentos sociais (Ribela; Reis; Gioia, 2009). De acordo com Lopes (2016), para trabalhar esse aspecto comportamental é necessário um trabalho em conjunto com todos os estudantes e não apenas com aquele que demonstra dificuldades, envolvendo um trabalho em parceria com o DUA.

Sujeitos atípicos tendem a ter baixa tolerância à frustração e com isso apresentar comportamentos agressivos em determinadas situações, ocasionando seu afastamento dos demais alunos, originando um ambiente que não é propício para o seu desenvolvimento (Lopes, 2016). Contudo, os dados também revelam que ainda há barreiras estruturais e culturais que dificultam a consolidação de uma inclusão efetiva. A subjetividade social da escola (A4), por exemplo, muitas vezes não favorece a construção de uma cultura inclusiva, revelando resistências históricas e práticas pouco dialógicas. Nesse sentido, a hermenêutica permite compreender como as concepções, valores e sentidos atribuídos à inclusão são

³ Desde o Projeto de Lei de 2009, é exigida a presença de psicólogos em orfanatos, creches e asilos. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=633505&filename=PL%204680/2009 A Lei 13.935/2019 determina que escolas da rede básica de ensino público devem ter psicólogos e assistentes sociais em seus quadros, conforme podemos ler no decreto: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm e na Cartilha do Conselho Federal de Psicologia - Psicologia e Serviço Social na Educação Básica: Lei 13.935. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/cartilha-psicologia-e-servico-social-na-educacao-basica-lei-13-935/>

atravessados por contextos institucionais, afetivos e simbólicos que precisam ser transformados.

Intervenções com base na ABA: ciência, estrutura e individualidade/coletividade

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) foi abordada como principal estratégia terapêutica nos estudos A2, A6, A8 e A9. Os resultados apontam que intervenções baseadas na ABA são amplamente reconhecidas por sua estruturação metódica, clareza de objetivos e foco na aprendizagem funcional. As práticas orientadas por ABA demonstraram êxito tanto na ampliação de repertórios comportamentais quanto na redução de condutas disfuncionais, como autoagressão, estereotípias e dificuldades de socialização (A6, A8).

Os sujeitos diagnosticados com TEA apresentam principalmente dificuldade na comunicação, movimentos repetitivos e interesses restritos, baixo contato visual, entre outros. Observa-se que esses sinais são essenciais para a aprendizagem de crianças, pois o contato visual irá dificultar a imitação de seus pares, os interesses restritos serão uma barreira para o brincar simbólico e funcional entre seus colegas, que são dois grandes exemplos de situações ricas em aprendizagens sociais e novas, afetando, especialmente, as oportunidades de crescimento interpessoal e aprendizagem das crianças (Gaiato, 2020).

Os processos de desenvolvimento humano e aprendizagem infantil por meio de marcos e etapas comuns a certas idades, que são características de uma aprendizagem típica, podendo ter pequenas alterações, a depender da particularidade infantil, que também pode apresentar dificuldades e potencialidades divergentes. Galvão (2023) contempla o estudo da criança contextualizada, mostrando que o aprendiz se relaciona com o meio em um processo mútuo de transformação, ou seja, o sujeito altera o ambiente e vice-versa.

A intervenção precoce tem uma notabilidade extrema para sujeitos neurodivergentes, considerando que o diagnóstico pode ser um processo longo e a não estimulação pode acarretar em prejuízos na aprendizagem. Assim, entende-se que quanto menos tempo a criança esperar para iniciar uma intervenção, mais facilidade ela terá no envolvimento de habilidades multidisciplinares e mais significativo será sua participação ativa nas diversas áreas e marcos comportamentais, próprias do desenvolvimento infantil (Lavor; Muner, 2020).

Na *análise do comportamento*, todo comportamento operante é aprendido e pode ser alterado, sendo neste tema que adentramos ao uso da ciência ABA para a aprendizagem, das contingências ambientais, como reforços positivos, negativos, punições e extinção, que moldam os comportamentos (Moreira; Medeiros, 2007). No entanto, autores como Sella e Ribeiro (2018) já alertam para a importância de que essas intervenções sejam sensíveis às singularidades das crianças, evitando práticas normativas e autoritárias. A revisão reforça essa leitura ao destacar que os melhores resultados são alcançados quando a ABA é articulada a princípios éticos de assentimento, escolhas e autonomia do sujeito.

Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal: mediação e aprendizagem relacional

A teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky foi um dos referenciais mais mobilizados nos estudos (A3, A5, A7), evidenciando sua relevância para pensar o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com TEA a partir da mediação social. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) aparece como eixo fundamental para compreender como o potencial das crianças pode ser expandido quando são oferecidos suportes adequados e colaborativos.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é mediada por cinco pilares para compor a base teórica: O 1º pilar estudado é a zona que representa a diferença entre o que uma criança pode fazer de forma independente e o que ela pode realizar com a ajuda de um adulto ou colega mais capaz. Vygotsky argumenta que a aprendizagem eficaz ocorre dentro da ZDP, onde a criança está ativamente envolvida em desafios que estão além de seu alcance atual (Vygotsky, 2001).

O 2º pilar é a prática de fornecer suporte temporário e ajustado para a criança dentro da ZDP. Os adultos mais experientes oferecem orientação e assistência, adaptando-se gradualmente às necessidades da criança à medida que ela ganha competência (Vygotsky, 2001). No 3º pilar, Vygotsky destacou a importância da cultura e da linguagem na formação do pensamento e do conhecimento. O autor argumentava que as ferramentas culturais, como a linguagem, atuam como mediadoras do desenvolvimento cognitivo, permitindo que as crianças internalizem conceitos e informações da sociedade ao seu redor (Vygotsky, 2001).

Por sua vez, o 4º pilar seria a união entre o desenvolvimento e a aprendizagem, no qual estão interligados, visando a aprendizagem como um fator que impulsiona o desenvolvimento. À medida em que as crianças adquirem novos conhecimentos e habilidades seu desenvolvimento avança (Vygotsky, 2001). Já, o 5º e último pilar se enquadra no papel dos adultos e educadores, no qual os adultos desempenham um papel crucial no processo de sociointeracionismo. Eles são vistos como facilitadores e propositores do desenvolvimento, fornecendo orientação, suporte e desafios apropriados às crianças (Vygotsky, 2001).

A ZDP enfatiza a importância de reconhecer e aproveitar as forças individuais e as habilidades únicas de cada pessoa, adaptando o ambiente e os métodos de ensino, de acordo com suas necessidades específicas. Sendo relevante quando se trabalha com indivíduos no espectro do autismo, uma vez que o TEA é uma condição altamente variável, com diferentes graus de gravidade e áreas de habilidade. Destaca-se a importância das interações sociais, da mediação cultural e da adequação individualizada para promover o crescimento e o aprendizado das pessoas com TEA, levando em consideração suas necessidades únicas e seus pontos fortes (Caixeta, 2017).

Para Vygotsky, o conceito relacionado ao andaime conceitual, também pode ajudar as famílias e professores a orientarem o progresso cognitivo das crianças. Quanto menos capaz uma criança é de realizar uma tarefa, mais *andaime* ou apoio um adulto precisa dar. Quanto mais ela é capaz de fazer sozinha, menos ajuda o adulto dá. O apoio é progressivamente retirado à medida que a criança alcança autonomia na realização da tarefa. Daí o adulto retira o *andaime* que não mais é necessário.

A médica e educadora Maria Montessori dizia: *Nunca ajude uma criança em algo que ela acredita que pode fazer sozinha*⁴. Ao possibilitar que as crianças tenham consciência, monitorem seus próprios processos cognitivos e reconheçam quando precisam de ajuda, os pais podem ajudar os filhos a assumir responsabilidade pelo aprendizado. Crianças em idade pré-escolar que recebem o *andaime conceitual* estão mais bem preparadas a regularem sua própria aprendizagem quando chegam na educação infantil (Papalia, 2013).

⁴ Na perspectiva montessoriana, *Devemos ajudar a criança a agir por si mesma, a querer por si mesma, a pensar por si mesma; esta é a arte daqueles que aspiram a servir o espírito*. Acerca da obra da autora e o que não te contaram sobre Maria Montessori ver: <https://www.youtube.com/watch?si=pl2tC54iqa5OhlBl&v=CTN9SL4LXUo&feature=youtu.be>

A integração entre a teoria vygotskyana e as práticas inclusivas permite avançar na compreensão da aprendizagem como um processo relacional, intersubjetivo e ético, que reconhece a criança como sujeito ativo, dotado de potência, e não como alguém a ser treinado. Nessa perspectiva, estratégias como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) assumem papel central, ao favorecerem o acesso equitativo ao currículo sem recorrer à padronização. O DUA, por meio de seus processos participativos e do incentivo ao engajamento em práticas cooperativas, oferece contribuições significativas para a construção de experiências educativas inclusivas, sensíveis à diversidade e voltadas ao acolhimento da variação humana. Assim, ultrapassa os limites impostos pelos diagnósticos, como o TEA, e se projeta como horizonte para a construção de práticas interdisciplinares, colaborativas e emancipadoras.

Considerações Finais

A inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar exige intervenções planejadas, de trabalho pedagógico interdisciplinar e de ações integrativas. Este estudo evidenciou que metodologias como ABA e os referenciais de Vygotsky contribuem para o desenvolvimento de capacidades socioemocionais e cognitivas, especialmente quando há colaboração entre escola, família e psicólogos escolares. O apoio à formação continuada de professores, especialmente pelo trabalho cooperativo associado ao DUA e a promoção de ambientes acolhedores ainda são desafios importantes a serem enfrentados. Exemplo de uma iniciativa cooperada nesse campo é a Cartilha da UERJ que esclarece dúvidas sobre Transtorno do Espectro Autista⁵, dividida em cinco volumes, a saber: I - Você sabe o que é autismo? II - Evolução do diagnóstico do TEA III - Possibilidades terapêuticas IV - Direitos das pessoas com TEA V - Cuidados e estímulos⁶.

Embora os estudos revisados evidenciam avanços significativos nas práticas de inclusão e intervenção, a análise crítica também revela lacunas importantes. Ainda são escassas as pesquisas que abordam o desenvolvimento atípico sob uma perspectiva interdisciplinar, articulada e cooperativa, o que limita o aprofundamento

⁵ Disponível em: <https://www.faperj.br/?id=763.7.9> Acesso em: 29 maio 2025.

⁶ Disponível em: <http://www.ppc.uerj.br/2025/06/02/laboratorio-da-policlinica-lanca-cartilha-inedita-gratuita-sobre-tea-com-5-volumes/> Acesso em: 29 maio 2025.

da compreensão sobre os múltiplos fatores que impactam o cotidiano das crianças com TEA.

Além disso, a maioria dos estudos analisados apresenta recortes metodológicos qualitativos ou revisões narrativas. Apesar de oferecer contribuições significativas para a compreensão do fenômeno em profundidade, observa-se a necessidade de triangulação com dados empíricos mais robustos. Isso aponta para o investimento em estudos de caso, etnografias escolares e pesquisas participativas (praxiológicas) que deem voz às próprias crianças e suas famílias.

Referências

APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APORTA, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 1, p. 45-58, jan./mar. 2018. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100005>

BARCELOS, Kaio da Silva *et al.* Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 37276-37291, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11620>

CAIXETA, Juliana. **Desenvolvimento atípico e inclusão: concepções de estudantes de ciências naturais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada de Ciências Naturais) - Faculdade UnB Planaltina, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18192/1/2017_BrendaKevellynSouza_tcc.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

CONCEIÇÃO, Pedro Wilson Ramos da *et al.* The practice of school psychology and its contribution in school inclusion of atypical children. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e29110414026, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14026>.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson C. Olhares sobre Tecnologia Assistiva e Desenho Universal para a Aprendizagem: encruzilhadas, intersecções, insurgências. **Revista Educação Especial**, p. 1-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X67410>

CORT, João Pedro Dalla *et al.* Análise do processo de aprendizagem do paciente com Transtorno do Espectro Autista com base no desenvolvimento atípico da criança segundo Lev Vigotski. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 16, n. 11, p. 25814–25830, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/3022>. Acesso em: 26 maio. 2025.

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 103-116, mar. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000100008>

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LAVOR, Mariana Carramilo de; MUNER, Luana Comito. Estimulação precoce em crianças com suspeita de transtorno do espectro autista: uma revisão bibliográfica. *In: COSTA, Denise Gisele Silva; CASTRO, Cristiany de (org.). Intersetorialidade: Saberes e Práticas Sobre a Questão da Pessoa com Deficiência*. 1. ed. São Paulo: FEAPAES, 2020. pp. 105-116. <https://uniapaesp.org.br/site/wp-content/uploads/2021/01/E-book-Vol.1.pdf>

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias *et al.* Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 28, n. 3, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1229>

LIMA, Franciane Silva Cruz de; BOHN, Denise Maria; PASSOS, Camila Greff. Educação Inclusiva e o desenvolvimento atípico quanto à dimensão cognitiva - Uma

revisão da literatura. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 34, n. 1, p. 201–223, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/77910>.

LOPES, Ana Paula Ferreira Aureliano. **Desenvolvimento atípico, acesso à educação de qualidade**. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) - Universidade de São Paulo-USP, São Carlos, SP, 2016. <https://doi.org/10.11606/D.55.2016.tde-24112016-202747>

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RIBELA, Andrea Carvalho Pinto; REIS, Priscilla Vilela Nunes dos; GIOIA, Paula Suzana. Procedimento de ensino de interações sociais entre jovens com desenvolvimento atípico e seus pares baseado na análise do comportamento. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 11, n. 2, p. 161-181, 2009. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n2/v11n2a12.pdf>

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Subjetividade social da escola e os desafios à inclusão. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. e67/1–22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/84710>.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Curitiba: Appris, 2018.

SIDI, Pilar Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, p. 1942-1954, 2017. DOI: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270/6932>

SILVA, Thatyana Machado. **Desenho Universal na Aprendizagem e autoscopia: formação continuada docente para a inclusão escolar de alunos com TEA**. 2022. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/18134>

TOCHETTO, Ana Paula Gonçalves; DELFINO, Daniela da Conceição. Desenvolvimento de Crianças no Espectro Autista: uma visão a partir da intervenção na análise do comportamento aplicada. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 12, p. 27590–27611, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2628>. Acesso em: 26 maio. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2001.